

E-BOOK CONCEITUAL / UNIDADE DE APRENDIZAGEM 1

O Docente na Cultura Digital

Conhecimento, autoria e patrimônio intelectual docente

ABERTURA

Uma leitura para ampliar a compreensão

Este e-book propõe uma leitura aprofundada sobre a docência em uma cultura marcada por redes, plataformas, abundância informacional e inteligência artificial. O ponto de partida não são as ferramentas, mas o conhecimento que o professor já constrói e mobiliza quando ensina.

Pense em uma explicação que você refinou depois de muitas turmas, em uma analogia que tornou um conceito difícil mais compreensível, em uma pergunta que passou a funcionar melhor ou em um feedback que aprendeu a formular com mais precisão. Há conhecimento profissional nessas escolhas. Parte dele veio de livros, pesquisas e formações; outra parte só pôde ser construída vivendo a docência.

> O digital não inventou a autoria docente. Ele amplia as condições para que parte dessa autoria seja reconhecida, registrada, transformada e colocada em circulação.

Ao longo da leitura, cultura digital, curadoria, Creator Economy, saberes experienciais, conhecimento tácito, autoridade, voz digital, ética, acessibilidade e inteligência artificial aparecem como partes de um mesmo problema: **como transformar expertise docente em experiências e contribuições que preservem rigor, propósito e responsabilidade?**

Uma pergunta para acompanhar a leitura

Que conhecimentos construídos ao longo da minha prática eu ainda trato como algo comum, informal ou invisível?

INTENÇÃO FORMATIVA

O que este e-book pretende desenvolver

COMPETÊNCIA

Reconhecer e mobilizar

Reconhecer e mobilizar a expertise docente como patrimônio intelectual em uma cultura digital, atuando de forma autoral, crítica, ética e intencional na produção, curadoria e circulação de conhecimento.

Compreender o ambiente

Analisar mudanças na produção, circulação e legitimação do conhecimento em ambientes digitais.

Julgar com critérios

Distinguir informação, conhecimento, compreensão e julgamento.

Ampliar a identidade docente

Reconhecer mediação, curadoria, design de experiências, produção intelectual e participação em redes.

Reconhecer saberes da prática

Identificar saberes experienciais e conhecimentos tácitos construídos ao longo da trajetória.

Tornar conhecimento comunicável

Transformar experiências em conhecimentos explicitáveis e potencialmente compartilháveis.

Construir autoridade com responsabilidade

Diferenciar autoridade de popularidade e aplicar critérios de ética, privacidade, autoria, acessibilidade e uso responsável de IA.

A leitura não propõe um modelo único de presença digital. O objetivo é ampliar repertório para que cada professor possa fazer escolhas conscientes sobre o que produzir, por que produzir, para quem produzir e em quais condições fazer circular.

PERCURSO DE LEITURA

Explore o e-book

01 **Docência em uma cultura de redes** 05
Cultura digital, plataformas, abundância informacional, curadoria e papéis ampliados

02 **Conhecimento em experiências** 10
Creator Economy, criação pedagógica, atenção e ecossistemas de aprendizagem

03 **O patrimônio intelectual docente** 14
Saberes experienciais, conhecimento tácito, reflexão e autoria

04 **Autoridade e voz digital** 18
Credibilidade, reconhecimento, repertório, tom e consistência

05 **Criar com propósito e responsabilidade** 22
Pedagogia, tecnologia, ética, IA, acessibilidade e limites de exposição

06 **Da experiência à circulação** 28
Registro autoral, aprendizagem com os pares, revisão e síntese

07 **Glossário e referências** 32
Conceitos para consulta e fundamentos mobilizados no percurso



A docência em uma cultura de redes

O digital não é apenas um conjunto de ferramentas. Ele participa das formas pelas quais produzimos, compartilhamos, encontramos e legitimamos conhecimento.



Durante muito tempo, falar de tecnologia na educação significou discutir equipamentos, softwares, laboratórios ou plataformas. Essa leitura se torna insuficiente quando o digital passa a atravessar a vida cotidiana: pesquisamos, trabalhamos, aprendemos, participamos de comunidades e produzimos conhecimento em ambientes conectados.

Pierre Lévy ajuda a compreender essa mudança ao tratar o ciberespaço como ambiente de práticas, valores e relações. Manuel Castells amplia o olhar ao mostrar como redes de informação estruturam relações sociais e profissionais. Henry Jenkins acrescenta a cultura participativa: quem recebe também pode comentar, recombinar, produzir e recolocar conteúdos em circulação.

Antes: circulação mais concentrada

Instituições, livros, especialistas e meios tradicionais ocupavam papel dominante na distribuição de conhecimento.

Agora: circulação distribuída

Plataformas, comunidades, criadores, professores, estudantes e sistemas de IA participam simultaneamente do ecossistema informacional.

> Compreender cultura digital é reconhecer que mudaram as condições de acesso, produção, participação e circulação - não apenas os recursos utilizados para ensinar.

Para o professor, isso significa que sua expertise já não opera apenas dentro dos limites físicos e temporais da sala de aula. Explicações, curadorias, reflexões e experiências podem deixar rastros, alcançar outros públicos e participar de redes mais amplas. Essa possibilidade, porém, traz novas questões sobre autoria, visibilidade, poder e responsabilidade.

01 / PLATAFORMAS

As plataformas também organizam a experiência

Grande parte da vida digital acontece dentro de sistemas que possuem regras próprias. Plataformas facilitam comunicação, armazenamento, produção e colaboração, mas também definem interfaces, prioridades, métricas, recomendações e formas de visibilidade.

José van Dijck, Thomas Poell e Martijn de Waal utilizam a ideia de sociedade plataformizada para mostrar como plataformas deixam de ser serviços isolados e passam a funcionar como infraestrutura de relações sociais, econômicas e culturais. A dataficação transforma ações em registros; algoritmos utilizam esses registros para classificar e recomendar conteúdos.

O que a plataforma registra	O que o professor ainda precisa investigar
Acesso e tempo de permanência	Que relações o estudante conseguiu compreender?
Curtidas e compartilhamentos	Qual contribuição foi relevante e por quê?
Conteúdo recomendado	Quais perspectivas e fontes ficaram de fora?
Conclusão de uma atividade	Que evidências mostram compreensão, transferência ou revisão?

Autonomia com critérios

Reconhecer que plataformas não são neutras não significa abandonar seu uso. Significa compreender recursos e limites, interpretar métricas criticamente e preservar critérios pedagógicos dentro das condições oferecidas pelo ambiente.

A leitura crítica das tecnologias é especialmente importante para o Docente Creator: o conteúdo mais visto não é automaticamente o mais consistente, e o conteúdo mais compartilhado não é necessariamente aquele que produz maior compreensão.

01 / MEDIAÇÃO

Da informação ao julgamento

Encontrar informação pode levar poucos segundos. Transformá-la em conhecimento, porém, continua exigindo repertório, conexão, interpretação e julgamento.

Dimensão	O que envolve	Exemplo na docência
Informação	Acessar um dado ou enunciado.	Ler que uma estratégia pode favorecer a participação.
Conhecimento	Relacionar informações a um repertório.	Conhecer a estratégia e suas condições de aplicação.
Compreensão	Explicar relações, razões e implicações.	Explicar por que aquela estratégia pode ajudar uma turma específica.
Julgamento	Ponderar evidências, limites e alternativas.	Decidir se vale adotá-la e como observar seus efeitos.

Sistemas de busca, redes sociais, vídeos, repositórios digitais e IA generativa ampliam o acesso a explicações. Ao mesmo tempo, desinformação, recomendações algorítmicas e conteúdos sintéticos tornam mais difícil avaliar origem, contexto e confiabilidade.

> Quanto mais abundante se torna a informação, mais valiosos se tornam os critérios necessários para interpretá-la.

Perguntas que transformam informação em investigação

De onde veio? Que evidência sustenta essa ideia? Em qual contexto ela se aplica? O que deixa de fora? Que outras perspectivas existem? Como posso verificar? Que consequência essa interpretação produz?

01 / CURADORIA

Curar é produzir sentido

Curadoria não é reunir links. É um trabalho intelectual que articula seleção, verificação, contexto, comparação, explicitação de critérios e aplicação.

Em ambientes informacionais densos, a contribuição docente não está apenas em indicar conteúdos. Está em mostrar por que determinada fonte foi escolhida, que pergunta ajuda a responder, quais evidências mobiliza, que limites possui e com quais outras perspectivas precisa dialogar.

Delimitar a pergunta › Localizar fontes › Verificar fundamento › Relacionar perspectivas › Contextualizar e aplicar

Coleção de materiais

Três textos, dois vídeos e um podcast enviados sem explicitação de propósito ou relação entre eles.

Curadoria docente

Os mesmos materiais organizados por uma pergunta, comparados em seus conceitos e utilizados para sustentar uma decisão ou produção.

Julgamento epistemológico

A expressão designa a capacidade de avaliar como determinado conhecimento foi produzido, validado e legitimado. Ela envolve reconhecer que fontes diferentes respondem a critérios diferentes de evidência e que divergências podem exigir análise, não apenas escolha rápida.

Exemplo

Em vez de enviar três textos sobre feedback, compare como cada um define o conceito, que problema procura resolver e que evidência utiliza. Depois, peça que o leitor justifique qual abordagem adotaria em uma situação concreta.

01 / IDENTIDADE DOCENTE

Funções que se ampliam

É comum dizer que o professor deixou de ser transmissor para se tornar mediador. A formulação é simplificadora: a docência sempre envolveu mediação. O que muda é a escala, a densidade e o campo em que essa mediação acontece.

Mediação
Criar condições para construir compreensão, formular boas perguntas e relacionar teoria, experiência e contexto.

Curadoria
Selecionar, confrontar, contextualizar e tornar visíveis critérios de escolha de fontes e conhecimentos.

Design de experiências
Planejar percursos, interações, formatos e modos de observar a aprendizagem.

Produção intelectual
Reconhecer explicações, sequências, rubricas, feedbacks e soluções como conhecimento profissional.

Participação em redes
Dialogar com colegas e comunidades atravessa todas essas dimensões. Uma pergunta de outro professor pode mudar uma explicação; uma experiência compartilhada pode ampliar o repertório coletivo.

Essas dimensões não representam cinco profissões nem uma sequência evolutiva. Elas coexistem. O núcleo continua sendo o compromisso com a aprendizagem, sustentado por conhecimento especializado e experiência pedagógica.

> A identidade pedagógica permanece no centro. O que se amplia são as possibilidades de mediação, autoria, design e circulação do conhecimento.

Conhecimento em experiências

A lógica creator não exige que o professor se transforme em influenciador. O ponto central é aprender a dar forma, linguagem e circulação ao conhecimento com intenção pedagógica.



Creator Economy é o ecossistema em que pessoas utilizam plataformas digitais para produzir e distribuir conteúdos, construir audiências e comunidades e gerar valor a partir de conhecimento, criatividade ou influência. Monetização pode fazer parte desse ecossistema, mas não define por si só a atuação docente.

Influência

- O foco está na capacidade de incidir sobre percepções, escolhas e comportamentos.
- Alcance, confiança e relacionamento com uma audiência têm papel central.
- Pode existir sem produção intensa de conhecimento original.

Criação

- O foco está em produzir, organizar e distribuir algo relevante, útil ou interessante.
- Conhecimento, linguagem, formato e comunidade podem gerar valor.
- A influência pode surgir como consequência, mas não é requisito de partida.

Docente Creator

Conhecimento + capacidade pedagógica + comunicação + formação de comunidade. A criação se orienta pela aprendizagem: transformar conhecimento acadêmico e profissional em experiências que façam sentido para um público.

Isso permite estabelecer limites de exposição. Uma explicação comentada, uma curadoria, um guia, um podcast, um caso ou um material de aula já podem expressar autoria. O formato é consequência da contribuição que se deseja oferecer.

02 / CRIAÇÃO PEDAGÓGICA

Daquilo que sei àquilo que alguém aprende

Transformar conhecimento em experiência de aprendizagem exige mais do que publicar. É preciso organizar um processo que preserve precisão, produza compreensão e permaneça aberto à interação e à revisão.

Conhecimento › Curadoria › Tradução › Criação › Distribuição › Interação › Aprendizagem

Curar

Selecionar e relacionar informações com critérios.

Traduzir pedagogicamente

Tornar um conceito compreensível ao público sem apagar precisão, limites e complexidade.

Criar e distribuir

Dar forma ao conhecimento e escolher o ambiente em que ele será encontrado.

Interagir e revisar

Escutar perguntas, observar compreensões e usar evidências para melhorar a contribuição.

A aprendizagem precisa ser observada

Visualizações, curtidas e conclusão de um vídeo não demonstram, sozinhas, aprendizagem. Procure evidências no que a pessoa consegue explicar, comparar, decidir, aplicar ou revisar depois do contato com a experiência.

A exposição continua sendo uma estratégia possível. A ampliação está em articular explicação, contextualização, provocação e participação para que o estudante trabalhe com o conhecimento, em vez de apenas recebê-lo.

02 / INTENCIONALIDADE

A atenção é uma entrada para a aprendizagem

Atenção é um recurso limitado. Em ambientes digitais, ela é disputada por mensagens, vídeos, jogos, plataformas, notificações e sistemas de IA. O desafio educacional, porém, não é vencer o algoritmo pelo maior número de segundos.

> O objetivo é transformar atenção em curiosidade, compreensão, pensamento crítico e aprendizagem.

Se a intenção é...	Uma possibilidade é...	A ação de quem aprende
Despertar uma pergunta	Vídeo breve ou situação-problema	Formular uma hipótese.
Organizar relações	Mapa conceitual ou síntese comentada	Explicar como os conceitos se conectam.
Aprofundar uma análise	Texto, aula ou podcast com fontes	Comparar perspectivas e fundamentos.
Aplicar e revisar	Caso, exercício ou produção autoral	Tomar uma decisão e justificar a revisão.

Conteúdos breves podem ser bons pontos de entrada, mas não são um valor em si. Alguns objetivos exigem leitura, discussão, prática e tempo. O critério não é o formato mais rápido ou a tendência da plataforma, mas a experiência necessária para o público construir a aprendizagem pretendida.

Economia da atenção sem submissão às métricas

A pergunta central deve continuar sendo: **o que é pedagogicamente relevante compartilhar?** Quando ela é substituída por "o que performa melhor?", métricas passam a orientar o próprio valor atribuído ao conhecimento.

02 / DESIGN DE EXPERIÊNCIAS

Uma aula pode se tornar um pequeno ecossistema

Uma experiência de aprendizagem pode ganhar vários pontos de entrada sem perder profundidade. O valor não está em usar muitos formatos, e sim em construir relações claras entre eles.

Pergunta provocadora › Recorte explicativo › Síntese visual › Debate › Atividade prática › Aprofundamento

Uma pergunta pode despertar investigação; um vídeo ou explicação pode apresentar um recorte; uma síntese organiza relações; a atividade solicita aplicação; o debate e o feedback permitem rever interpretações. O material de aprofundamento ajuda a voltar ao conceito com novas perguntas depois da tentativa prática.

Entrada

Desperta curiosidade e explicita o problema que será enfrentado.

Construção

Oferece conceitos, exemplos, fontes e relações necessárias para compreender.

Produção

Solicita decisão, explicação, aplicação ou criação que torne o pensamento visível.

O feedback conecta o percurso

Depois da atividade, peça uma explicação sobre a escolha realizada. A devolutiva pode encaminhar novamente à síntese, a uma fonte, a outro exemplo ou a uma nova tentativa, conforme a dificuldade observada.

Um ecossistema não exige usar todos os formatos. Em muitos contextos, uma boa pergunta, um texto acessível, uma atividade e uma devolutiva já formam um conjunto coerente.

O conhecimento que nasce da prática



Ensinar não é apenas aplicar conhecimento produzido por outros. A prática docente produz critérios, explicações, estratégias e decisões que formam um repertório profissional próprio.

Maurice Tardif descreve os saberes docentes como plurais: conhecimentos disciplinares, curriculares, da formação profissional e saberes experienciais construídos na e pela prática cotidiana.

Esses saberes nascem de tentativas, ajustes e aprendizagens acumuladas. Um professor testa uma explicação, percebe que a turma não compreendeu, muda o exemplo, reorganiza a sequência, observa novamente e incorpora aquilo ao repertório. Depois de muitas experiências, algumas decisões tornam-se tão incorporadas que parecem naturais.

O que costuma ficar visível

Slides, roteiros, materiais, enunciados, rubricas, sequências didáticas.

O que também merece ser reconhecido

Critérios de escolha, modos de perceber dificuldades, analogias, ajustes, perguntas e decisões.

Donald Schön ajuda a compreender esse processo ao distinguir reflexão-na-ação e reflexão sobre a ação. Em alguns momentos, o profissional pensa enquanto age e ajusta a intervenção em tempo real; em outros, revisita posteriormente o que aconteceu, interpreta escolhas e constrói novas possibilidades.

> A sala de aula é também um espaço de produção de conhecimento profissional.

Neste e-book, a expressão **patrimônio intelectual docente** é utilizada para reconhecer esse repertório de conhecimentos, critérios e produções. Não se trata de uma categoria jurídica de propriedade intelectual.

03 / CONHECIMENTO TÁCITO

Da percepção ao registro

Michael Polanyi oferece uma chave para compreender por que parte do patrimônio docente permanece invisível: sabemos mais do que conseguimos dizer.

O professor experiente percebe que uma turma perdeu atenção, reconhece que precisa mudar uma explicação ou identifica que uma pergunta aparentemente simples revela uma dificuldade mais profunda. Muitas vezes, sabe o que fazer antes de conseguir explicar completamente por que sabe.

Conhecimento tácito

Aparece na ação. Sustenta percepções e decisões incorporadas à experiência. Não é integralmente verbalizável.

Conhecimento explicitado

Ganha linguagem. Pode ser registrado, sistematizado, analisado, discutido e compartilhado.



Essa passagem não converte toda a experiência em método. Parte do saber continua situada, sensível ao contexto e incorporada à ação. O registro não esgota a expertise; ele torna parte dela comunicável.

Uma pergunta que ajuda a documentar

O que você percebe nessa situação que uma pessoa menos experiente talvez ainda não perceba? Descreva os sinais observados, o critério utilizado e a razão da sua decisão.

03 / AUTORIA

A autoria começa antes da publicação

É neste ponto que o Docente Creator se distancia de uma leitura superficial sobre produção de conteúdo. O ponto de partida não é a plataforma, o formato ou a audiência. É o conhecimento.

Autoria é construída progressivamente: interpretar, conectar com a prática, experimentar, registrar evidências, refletir, organizar, encontrar linguagem e decidir conscientemente se e como compartilhar. A publicação é apenas uma possibilidade dentro desse percurso.



Documentar sem universalizar

Uma experiência bem-sucedida pode revelar uma contribuição relevante sem autorizar conclusões universais. Documentar também é explicitar contexto, condições, limites, dúvidas e o que ainda precisa ser investigado.

Decisão autoral

O que vale compartilhar não é apenas "o que fiz", mas também **por que fiz, o que observei, que conhecimento mobilizei e o que ainda preciso investigar**.

> A mudança de mindset não é "agora preciso produzir conteúdo". É reconhecer: "eu já produzo conhecimento na prática; posso aprender a organizá-lo e decidir quando e como colocá-lo em circulação".

03 / SISTEMATIZAÇÃO

Quando a rotina passa a ser vista como patrimônio

Planejar uma sequência didática, encontrar uma analogia, elaborar uma rubrica, escolher uma pergunta, produzir um feedback ou resolver uma situação inesperada envolve decisões intelectuais e pedagógicas.

O patrimônio intelectual emerge quando esse repertório deixa de ser percebido apenas como "jeito de fazer" e passa a ser examinado como conhecimento profissional. Esse deslocamento exige linguagem, evidências e reflexão sobre contexto.

Explicações próprias

Analogias, exemplos, sequências e formas de tornar conceitos compreensíveis.

Estratégias testadas

Atividades, rubricas, feedbacks e ajustes refinados ao longo de diferentes experiências.

Soluções construídas

Respostas a dificuldades recorrentes, situações imprevistas e necessidades de determinados públicos.

Critérios de decisão

Indícios observados, razões para escolher um caminho e limites reconhecidos na própria prática.

Pergunta de sistematização	O que ela ajuda a tornar visível
Que problema estava tentando resolver?	A necessidade que deu origem à escolha.
O que percebi que orientou minha decisão?	Critérios antes tácitos ou pouco explicitados.
O que mudou depois da intervenção?	Evidências, indícios e limites do que pode ser afirmado.
O que outra pessoa precisaria saber para adaptar?	Contexto, condições e elementos transferíveis.

Confiança para além da visibilidade

Títulos, formação, pesquisa e produção científica continuam importantes. O que se amplia é a maneira como a autoridade pode ser percebida publicamente.



Na cultura digital, autoridade não desaparece; ela muda de forma. Além das credenciais formais, torna-se visível pela qualidade das contribuições, pela consistência do trabalho, pela transparência do processo de construção do conhecimento e pelo reconhecimento de um público.

Conhecimento	Fundamento disciplinar, pedagógico e profissional.
Consistência	Coerência entre valores, linguagem e contribuições ao longo do tempo.
Contribuição	Capacidade de ajudar alguém a compreender, decidir ou agir com mais critério.
Reconhecimento	Confiança construída em torno da relevância percebida por um público ou comunidade.
Autoridade	Reconhecimento sustentado por rigor, experiência, referência e responsabilidade.

> Visibilidade é diferente de autoridade. Seguidores são diferentes de credibilidade. Viralização é diferente de conhecimento. Engajamento é diferente de impacto acadêmico.

Um professor pode ter uma audiência pequena e, ainda assim, ser altamente reconhecido dentro de determinado campo. Autoridade não depende do tamanho da audiência, mas da confiança construída em torno do conhecimento e das contribuições.

04 / MÉTRICAS E EVIDÊNCIAS

O processo também comunica autoridade

Métricas de circulação podem ser úteis para compreender alcance, mas não devem ser tratadas como equivalentes de aprendizagem, credibilidade ou impacto.

Sinal de circulação	Não comprova sozinho	Evidência mais próxima da aprendizagem
Visualizações	Compreensão do conceito	Explicação que utiliza exemplos, relações e limites.
Curtidas	Qualidade da interpretação	Argumento fundamentado e capaz de responder a uma objeção.
Seguidores	Autoridade no campo	Contribuições reconhecidas por consistência e utilidade.
Compartilhamentos	Aplicação do conhecimento	Uso contextualizado, adaptação e revisão de uma decisão.

Tornar o processo visível

Compartilhar fontes, critérios, perguntas em aberto, correções e revisões permite que o público compreenda como uma afirmação foi construída. Essa transparência fortalece confiança porque mostra o conhecimento como processo, não como performance de certeza.

Mediação não é relativismo

Abrir espaço para investigação não elimina a responsabilidade docente de verificar fontes, distinguir fato de opinião, contextualizar, reconhecer incertezas, corrigir erros e enfrentar a desinformação.

04 / VOZ DIGITAL

Uma voz reconhecível

Voz digital é o modo reconhecível de comunicar repertório, perspectiva e valores. Ela não depende de um personagem nem exige exposição permanente; emerge da maneira consistente como o professor seleciona problemas, explica conceitos, mobiliza referências e dialoga com seu público.

Repertório real
Formação, experiência, investigações, vivências, perguntas e aprendizados - inclusive aqueles que nasceram de erros.

Tom
Como você expressa e simplifica ideias sem perder rigor, escolhendo linguagem adequada ao público.

Consistência
Coerência entre valores, critérios, temas e escolhas de comunicação ao longo das contribuições.

Identidade Quem sou? › **Voz** Como penso e comunico? › **Presença** Onde e como apareço? › **Reconhecimento** Pelo que sou lembrado?

Uma explicação acessível não precisa apagar complexidade. Pode começar por uma situação concreta, apresentar os conceitos necessários, indicar limites e abrir espaço para revisão. Clareza é diferente de simplificação excessiva.

Dois professores podem falar do mesmo tema

A voz se diferencia pelo problema que cada um ajuda a compreender, pelas referências que mobiliza, pelos valores que explicita e pela forma de dialogar com o público.

04 / MAPA DE CONTRIBUIÇÃO

Reconheça a contribuição que pode nascer do seu repertório

Antes de pensar em canal, frequência ou formato, vale organizar cinco perguntas que conectam expertise, curiosidade, valores e público. As respostas são hipóteses de trabalho e podem mudar com a experiência.

01 **O que eu sei?**
Que conhecimentos e experiências consigo explicar com fundamento?

02 **O que investigo?**
Que problemas me mobilizam e que perguntas permanecem abertas?

03 **O que defendo?**
Que princípios orientam minhas escolhas e meu modo de ensinar?

04 **Para quem falo?**
Quem pode se beneficiar dessa contribuição e o que esse público já sabe?

05 **Como quero ser lembrado?**
Que contribuição desejo associar à minha trajetória profissional?

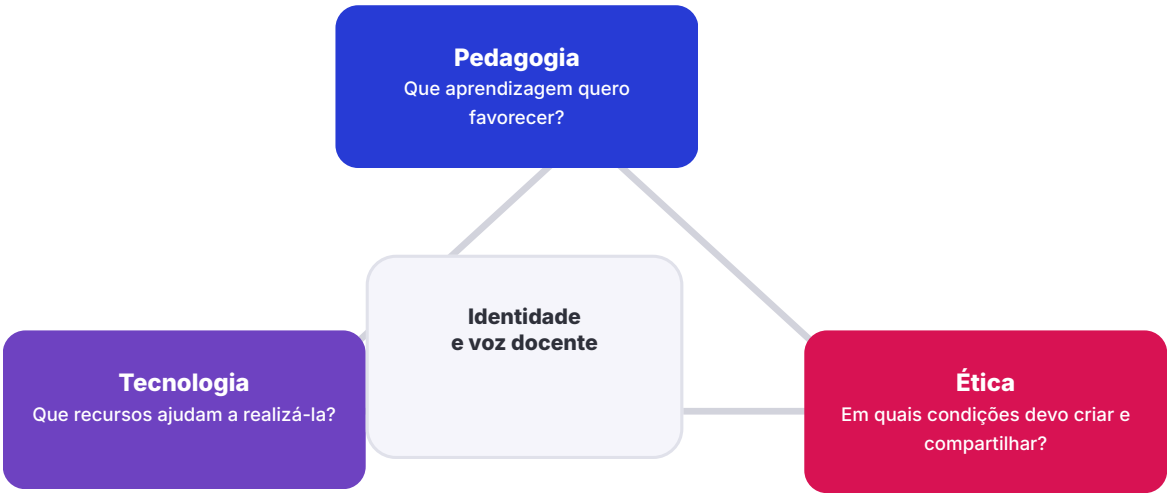
Um enunciado provisório

"Quero ajudar **[público]** a compreender **[problema]**, articulando **[experiência ou conhecimento]** e **[princípio que orienta minha atuação]**."

Identidade, voz, presença e reconhecimento se articulam, mas não são equivalentes. A marca pessoal acadêmica emerge do reconhecimento construído nesse conjunto; ela não substitui o conhecimento que lhe dá sustentação.

Criar com propósito e responsabilidade

Pedagogia, tecnologia e ética precisam operar de forma integrada. A identidade docente atravessa as três dimensões e dá coerência às escolhas.



A pedagogia orienta objetivos, planejamento, didática, avaliação e compreensão do público. A tecnologia oferece meios para realizar essa intenção. A ética atravessa fontes, pessoas, dados, privacidade, acessibilidade, autoria e circulação.

> A pergunta não é "qual ferramenta devo usar?". É "que problema quero enfrentar, que aprendizagem desejo favorecer e que tecnologia faz sentido nesse contexto?"

05 / PLANEJAMENTO

O propósito vem antes do formato

Escolher um formato cedo demais pode transformar a produção em exercício de ferramenta. O planejamento começa pelo público, pelo problema e pela aprendizagem pretendida.

Pergunta de planejamento	Exemplo didático
Quem aprende?	Docentes que desejam elaborar feedback mais específico.
Qual dificuldade será enfrentada?	Devolutivas genéricas que não orientam a revisão do trabalho.
Qual aprendizagem é pretendida?	Distinguir julgamento genérico de orientação fundamentada.
Qual experiência pode ajudar?	Comparar dois feedbacks e reescrever um terceiro.
Qual formato e ambiente usar?	Texto comentado ou vídeo com transcrição no ambiente da turma.
Que evidência observar?	A reescrita identifica critério, evidência e ação de melhoria.

Conhecer o público significa investigar necessidades, repertórios e condições de participação. Idade, familiaridade com redes ou preferência declarada por um formato não determinam, por si só, como todas as pessoas aprendem.

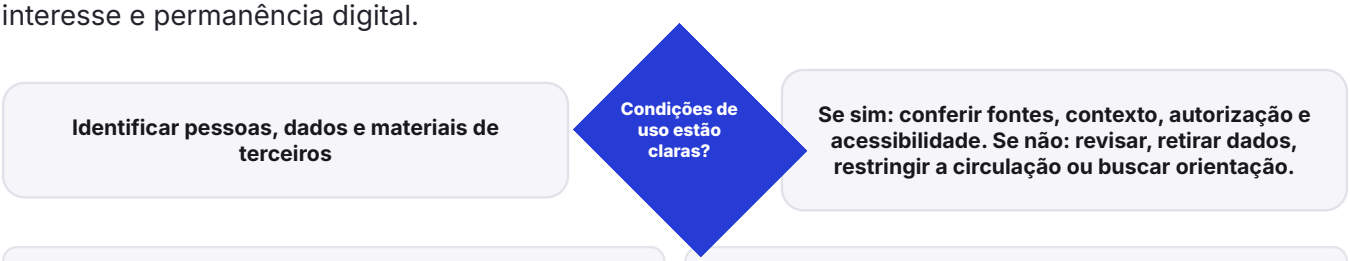
Fluência tecnológica

Fluência não é conhecer todas as ferramentas. É compreender possibilidades, aprender recursos relevantes e escolher tecnologia por sua contribuição à experiência planejada.

05 / ÉTICA

Decidir o que pode circular

Quando conhecimento docente deixa o espaço privado da prática e passa a circular, surgem responsabilidades relacionadas a pessoas, dados, fontes, direitos autorais, atribuição, conflitos de interesse e permanência digital.



- ✔ As fontes e autorias estão reconhecidas?
- ✔ Há dados pessoais ou institucionais que precisam ser protegidos?
- ✔ Tenho direito ou autorização para usar tudo o que aparece?
- ✔ Revisei afirmações, referências e limites?
- ✔ O formato é acessível e adequado ao público?
- ✔ Estou confortável com o nível de exposição e permanência?

Experiências de sala de aula podem envolver estudantes, colegas e instituições. Uma fotografia de bastidores pode revelar nomes, telas, documentos e situações que ultrapassam a finalidade pedagógica. Quando a identificação não for necessária, prefira anonimização, exemplos fictícios ou descrições do processo sem expor participantes.

Confiança se constrói nas escolhas

Ética não é uma lista de proibições aplicada ao final. Ela acompanha planejamento, produção e circulação, porque autoridade acadêmica depende de confiança.

05 / IA E ACESSIBILIDADE

Criar para que mais pessoas participem

A inteligência artificial generativa acrescenta possibilidades de ideação, revisão, síntese, tradução de linguagem e apoio à produção. Também acrescenta riscos: respostas falsas com aparência convincente, vieses, exposição de dados e deslocamento indevido da responsabilidade.

Ao trabalhar com IA

Defina o propósito; não insira dados que precisam ser protegidos; confira fontes e exemplos; revise vieses e limites; indique o uso quando pertinente ao contexto.

Ao produzir vídeos

Revise legendas; disponibilize transcrição; descreva informações visuais essenciais; evite depender apenas de trilha sonora, gestos ou textos rápidos.

Ao produzir textos e imagens

Use títulos claros, contraste e texto legível; explique diagramas no corpo da leitura; não comunique diferenças somente por cores.

Ao organizar a participação

Ofereça instruções claras e formas viáveis de contribuição; considere celular, conexão e tecnologias assistivas.

> A fluência de uma resposta gerada por IA não transfere para a máquina a responsabilidade sobre aquilo que o professor decide ensinar ou compartilhar.

A acessibilidade também não deve ficar reservada ao acabamento. Ao planejar uma experiência, pergunte se a informação e a ação esperada estão disponíveis para pessoas com diferentes condições de acesso. Ouvir quem utiliza o material ajuda a identificar barreiras que o autor não percebeu.

Revisão humana

Uma legenda automática pode errar o termo central de uma explicação. Um texto gerado pode citar uma obra inexistente. O acabamento visual não substitui a conferência do conteúdo.

05 / PRESENÇA SUSTENTÁVEL

Tornar conhecimento visível não significa transformar a vida em produto

A cultura das plataformas pode pressionar criadores a publicar mais, expor mais e reagir continuamente às métricas. Para o professor, essa lógica merece ser examinada criticamente.

Produzir conteúdo é trabalho digital. Exige tempo para planejar, escrever, gravar, editar, revisar, responder e acompanhar. Nem toda ampliação de possibilidade precisa se converter em obrigação profissional. A dependência de plataformas cujas regras o professor não controla também cria vulnerabilidade: alcance, formatos e políticas podem mudar.

Tornar conhecimento visível

Compartilhar uma explicação, análise, curadoria ou experiência profissional com intenção e limites definidos.

Transformar a vida em produto

Submeter rotina, intimidade e presença pessoal à lógica contínua de performance e engajamento.

> Fronteiras não diminuem autoria. Elas ajudam a construir uma presença profissional sustentável.

Quatro perguntas para estabelecer limites

O que quero tornar público? O que deve permanecer restrito? Que frequência consigo sustentar sem sobrecarga? De quais plataformas, métricas ou formatos não quero depender?

Há ainda desigualdades de acesso a equipamentos, conectividade, tempo, apoio institucional e segurança para exposição pública. Tratar Docente Creator como identidade ampliada - e não como obrigação de performance - permite respeitar diferentes contextos profissionais.

05 / CIRCULAÇÃO EM REDE

Compartilhar também pode ser aprender com os pares

Circulação não precisa significar publicação aberta. Uma contribuição pode circular entre colegas, em comunidades profissionais, em ambientes institucionais ou em grupos restritos. O que importa é que encontre interlocutores capazes de devolver perguntas, exemplos, limites e novas possibilidades.

Apresente o contexto

Explique a situação e o problema que tentou enfrentar.

Peça uma devolutiva

Pergunte o que ficou claro e o que ainda precisa de fundamento ou exemplo.

Escute outras experiências

Observe o que muda quando a proposta encontra outro público ou outra condição.

Registre a revisão

Anote o que manteria, o que mudaria e o que ainda deseja investigar.

Veletsianos e Kimmons utilizam a ideia de *networked scholarship* para discutir formas de produção acadêmica em rede que complementam práticas tradicionais de desenvolvimento profissional. Para o docente, a rede pode funcionar como espaço de aprendizagem recíproca, não apenas como vitrine.

Circulação com reciprocidade

Autoria também envolve reconhecer contribuições de outras pessoas, citar referências, devolver comentários de qualidade e registrar como a interação modificou a própria compreensão.

Meu patrimônio intelectual em uma página



Um registro simples pode ajudar a transformar uma experiência profissional em contribuição explicitável sem exigir publicação ou exposição pessoal.

1. **Experiência e contexto**
   Que situação vivi? Com qual público e em quais condições?

2. **Problema e decisão**
   Que dificuldade percebi? O que fiz e por quê?

3. **Conhecimento mobilizado**
   Que conceito, experiência ou critério sustentou minha escolha?

4. **Evidências e limites**
   O que observei? O que ainda não posso afirmar?

5. **Contribuição possível**
   O que pode ajudar outra pessoa? Para qual público e em qual formato?

6. **Circulação e revisão**
   Que cuidados preciso adotar? Com quem posso conversar para melhorar?

O objetivo do registro é organizar uma hipótese de contribuição. Ele pode permanecer privado, ser utilizado em uma conversa entre pares ou tornar-se base para um material compartilhável, conforme propósito e condições.

06 / EXEMPLO PREENCHIDO

De um feedback genérico a uma contribuição autoral

Imagine uma docente que percebe que seus estudantes recebem devolutivas, mas não sabem como revisar os trabalhos. Ao reler seus comentários, encontra expressões como "aprofunde a análise", sem indicação do critério ou do que precisa mudar.

Campo do registro	Uma resposta possível
Experiência e contexto	Atividade de análise de caso em uma turma de graduação.
Problema e decisão	Tornar o feedback utilizável: indicar critério, evidência no trabalho e próximo passo.
Conhecimento mobilizado	Critérios da atividade, conhecimento do tema e experiência com dúvidas recorrentes.
Evidências e limites	Comparar a primeira versão com a reescrita. Uma melhora isolada não demonstra efeito geral da estratégia.
Contribuição possível	Guia comentado com exemplos fictícios de feedback para outros docentes.
Circulação e revisão	Compartilhar primeiro com um colega; pedir análise dos critérios; revisar sem expor trabalhos identificáveis.

Um exemplo de reescrita

"Sua análise apresenta a proposta, mas ainda não relaciona a decisão às condições do caso. Retome o critério de viabilidade, identifique uma restrição e explique como ela afeta a solução."

A autoria está na seleção do problema, no fundamento da intervenção e na forma de tornar os critérios compreensíveis. O formato final nasce da contribuição que se quer oferecer - e pode ser tão simples quanto uma conversa estruturada entre colegas.

06 / SÍNTESE

O conhecimento docente pode ganhar novas formas

O conhecimento profissional pode permanecer incorporado à prática, transmitido informalmente entre colegas e registrado de maneira dispersa. Mas também pode ser reconhecido como patrimônio intelectual, sistematizado e, quando houver propósito e condições, transformado em conhecimento compartilhável.

Reconhecer a experiência › Explicitar critérios › Dar forma à contribuição › Dialogar com o público › Escolher a circulação › Revisar o conhecimento

O digital não inventou a autoria docente. Professores sempre criaram explicações, sequências, atividades, perguntas, feedbacks e soluções. O que a cultura digital amplia são as possibilidades para que parte dessa autoria deixe rastros e participe de redes mais amplas.

> Ser Docente Creator não significa produzir mais nem estar permanentemente visível. Significa fazer escolhas conscientes sobre o que produzir, por que produzir, para quem produzir e em quais condições colocar esse conhecimento em circulação.

Identitário
Reconhecer-se como mediador, curador, designer de experiências, produtor intelectual e participante de redes profissionais.

Epistemológico
Reconhecer que aquilo que se constrói na prática é conhecimento profissional e merece reflexão, linguagem e critérios.

Pergunta final

Que conhecimento da sua prática você agora consegue reconhecer, explicar e, se fizer sentido, compartilhar com outras pessoas?

06 / MAPA FINAL

Do conhecimento à contribuição responsável

A proposta deste e-book pode ser lida como um único movimento: partir da expertise, transformá-la pedagogicamente, colocá-la em relação com um público e revisar o que foi produzido a partir das evidências e das interações.

Expertise › Curadoria › Tradução › Criação › Circulação › Interação › Revisão

O que sustenta o percurso

Conhecimento especializado, experiência pedagógica, reflexão, critérios, fontes e capacidade de explicitar limites.

O que dá direção

Aprendizagem pretendida, público, problema real e contribuição que se deseja oferecer.

O que protege a confiança

Ética, privacidade, direitos autorais, acessibilidade, transparência, revisão humana e responsabilidade final.

O que mantém o conhecimento vivo

Perguntas, devolutivas, adaptação a novos contextos, diálogo entre pares e disposição para revisar.



CONSULTA RÁPIDA

Conceitos para retomar

Cultura digital
Práticas, relações e formas de produzir e compartilhar sentidos atravessadas por tecnologias digitais.

Curadoria
Seleção, verificação, contextualização e articulação de fontes com uma finalidade.

Creator Economy
Ecossistema de produção e distribuição de conteúdos, construção de audiências e geração de valor, inclusive econômico.

Patrimônio intelectual docente
Repertório de conhecimentos, critérios e produções que se constitui na trajetória profissional.

Autoridade acadêmica
Confiança no conhecimento e nas contribuições de alguém, sustentada por fundamento, rigor e reconhecimento.

Intencionalidade pedagógica
Articulação entre aprendizagem pretendida, público, experiência proposta e evidências a observar.

Circulação responsável
Compartilhamento orientado por contexto, autoria, privacidade, acessibilidade e compromisso com a qualidade.

Plataformização
Processo pelo qual plataformas passam a organizar relações, dados, interações e visibilidade em diferentes setores.

Julgamento epistemológico
Capacidade de avaliar como um conhecimento foi produzido, validado e sustentado por evidências.

Docente Creator
Professor que reconhece sua expertise como patrimônio intelectual e pode transformá-la em contribuições pedagógicas, autorais e responsáveis.

Conhecimento tácito
Dimensão do saber incorporada à experiência e à ação, que não se torna integralmente explícita.

Voz digital
Modo reconhecível de comunicar repertório, perspectiva e valores em ambientes digitais.

Fluência tecnológica
Capacidade de compreender, aprender e escolher recursos adequados a uma finalidade.

Presença sustentável
Forma de participação digital compatível com limites pessoais, condições de trabalho, propósito e responsabilidade.

REFERÊNCIAS

Fundamentos mobilizados no e-book

CASTELLS, Manuel. The Rise of the Network Society. 1996.

JENKINS, Henry. Confronting the Challenges of Participatory Culture. Cambridge: MIT Press, 2006.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. 1999.

POLANYI, Michael. The Tacit Dimension. 1966.

SCHÖN, Donald. The Reflective Practitioner. 1983.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. 2002.

VELETSIANOS, George; KIMMONS, Royce. Networked scholarship. 2012.

VAN DIJCK, José. The Culture of Connectivity. 2013.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; DE WAAL, Martijn. The Platform Society. 2018.

SELWYN, Neil. Education and Technology: Key Issues and Debates. 2016.

UNESCO. Guidance for Generative AI in Education and Research. Paris: UNESCO, 2023.

UNESCO. Technology in education: A tool on whose terms? Global Education Monitoring Report. Paris: UNESCO, 2023.

Nota editorial

Esta edição reorganiza e aprofunda os materiais fornecidos para a UA1 em uma narrativa conceitual contínua. As referências acima e da página seguinte são aquelas presentes nas fontes utilizadas para a elaboração do conteúdo.

REFERÊNCIAS

Fontes institucionais, legais e de apoio

OECD. OECD Digital Education Outlook 2023. Paris: OECD Publishing, 2023.

CETIC.BR. TIC Educação 2024. São Paulo: Cetic.br, 2025.

BRASIL. Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018. Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais.

BRASIL. Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Direitos Autorais.

CREATIVE COMMONS. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

Sobre a expressão "patrimônio intelectual docente"

Neste material, a expressão é utilizada como reconhecimento do repertório profissional construído ao longo da prática - explicações, critérios, estratégias, produções e formas de resolver problemas. Ela não define, por si só, titularidade jurídica sobre materiais, obras ou criações.

Sobre inteligência artificial

O uso de IA é tratado como apoio à ideação, revisão, síntese e clareza, preservando verificação, autoria humana e responsabilidade final. Dados pessoais, informações protegidas e materiais de terceiros exigem análise das condições de uso e do contexto institucional.



Pós-Graduação Docente Creator · UC 1 - Mindset e Identidade Digital · E-book conceitual da UA 1